

Educação sexual com adolescentes em escola pública: contribuições da psicanálise ao modelo biopsicossocial

Sexual education with adolescents in a public school: contributions of psychoanalysis to the biopsychosocial model

Educación sexual con adolescentes en escuela pública: aportes del psicoanálisis al modelo biopsicosocial

Franciele Freitas Valadares¹

Anamaria Batista Nogueira²

Resumo

O presente artigo é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Psicologia, defendido na Faculdade Ciências da Vida (FCV), na cidade de Sete Lagoas em Minas Gerais. Apresenta-se uma discussão crítica a respeito dos modelos de educação sexual preventivo e biopsicossocial, que vêm sendo utilizados em escolas públicas no cenário atual brasileiro. Como contraponto e contribuição aos modelos vigentes, recorreu-se à teoria psicanalítica e sua metodologia de práticas de conversação, concebidas na parceria entre a escola pública e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), visto que tais modelos excluem a dimensão singular da sexualidade, o que é a questão norteadora deste artigo. Como objetivo geral, tomou-se por finalidade analisar como a conversação orientada pela teoria psicanalítica pode corroborar com o modelo biopsicossocial, já que o encontro com a sexualidade que é tão pulsional, não é educável e se apresenta de modo singular, único. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica para levantamento de dados teóricos sobre o tema como recurso metodológico e desenvolveram-se os objetivos específicos, quais

1 Faculdade Ciências da Vida, MG, Brasil, <https://orcid.org/0000-0002-3084-3362>. E-mail: franfreitasrf@gmail.com

2 Faculdades Promove, MG, Brasil, <https://orcid.org/0000-0003-3512-3812>. E-mail: ananogueirapsi@gmail.com

sejam, a saber: conceituar o modelo biopsicossocial de educação e demonstrar as suas diferenças em relação ao modelo biológico preventivo no contexto escolar. Como conclusão, a história de cada participante da conversação pode ser ressignificada de modo singular, o que leva a pequenas rupturas na socialização sintomática.

Palavras-chave: Adolescência; Conversação; Educação Sexual; Psicanálise.

Abstract

This article stems from an undergraduate thesis in Psychology, defended at the Faculdade Ciências da Vida (FCV), located in Sete Lagoas, Minas Gerais, Brazil. It offers a critical discussion on the preventive and biopsychosocial models of sex education currently implemented in Brazilian public schools. As a counterpoint and contribution to these prevailing approaches, the study draws on psychoanalytic theory and its methodology of conversational practices—developed through a partnership between public schools and the Federal University of Minas Gerais (UFMG). This perspective is employed in light of the fact that mainstream models tend to overlook the singular dimension of sexuality, which serves as the guiding question of this work. The general objective is to examine how conversations grounded in psychoanalytic theory can contribute to and enrich the biopsychosocial model, considering that the encounter with sexuality—rooted in instinctual drives—is not something that can be formally taught and instead manifests in a singular, subjective manner. The methodology involved a bibliographic review to support the theoretical framework. Based on this, the study pursued two specific aims: (1) to conceptualize the biopsychosocial model of sex education, and (2) to highlight its distinctions from the biologically focused preventive model within the school context. The study concludes that each participant's history, as it emerges through conversation, can be uniquely re-signified. This process allows for small yet meaningful disruptions in the symptomatic forms of socialization.

Keywords: Adolescence; Conversation; Sexual Education; Psychoanalysis.

Resumen

El presente artículo es el resultado de un Trabajo de Fin de Grado (TFG) en Psicología, defendido en la Facultad Ciencias da Vida (FCV), en la ciudad de Sete Lagoas, estado de Minas Gerais, Brasil. Se propone una discusión crítica acerca de los modelos de educación sexual preventiva y biopsicosocial que se vienen implementando en las escuelas públicas del contexto brasileño actual. Como contrapunto y aporte a los modelos vigentes, se recurre a la teoría psicoanalítica y a su metodología basada en prácticas de conversación, desarrolladas en colaboración entre la escuela pública y la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG), dado que dichos modelos tienden a excluir la dimensión singular de la sexualidad, cuestión que constituye el eje central de este artículo.

El objetivo general es analizar de qué manera la conversación orientada por la teoría psicoanalítica puede complementar el modelo biopsicosocial, considerando que el encuentro con la sexualidad —al ser pulsional— no es educable y se manifiesta de manera singular y única. Se llevó a cabo una investigación bibliográfica como recurso metodológico para recopilar datos teóricos sobre la temática, a partir de lo cual se desarrollaron los objetivos específicos, a saber: conceptualizar el modelo de educación biopsicosocial y evidenciar sus diferencias con respecto al modelo biológico-preventivo en el contexto escolar. Como conclusión, se sostiene que la historia de cada participante en las prácticas de conversación puede ser resignificada de forma singular, lo que permite pequeñas rupturas en la socialización sintomática.

Palabras clave: Adolescencia; Conversación; Educación Sexual; Psicoanálisis.

INTRODUÇÃO

A educação sexual nas escolas de ensino público, ao contrário do que aconselham os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para orientação sexual, não tem sido tratada como conteúdo transversal em todas as disciplinas. O tema educação sexual é abordado apenas nas aulas de ciências e biologia, nas quais são trabalhados fatores biológicos, preventivos e higienistas. Nesse sentido, tornam-se necessárias as discussões acerca dos modelos de educação sexual utilizados atualmente, bem como os possíveis avanços e metodologias que possam auxiliar o acesso dos adolescentes à informação e ao conhecimento sobre esse tema no ambiente escolar (Furlanetto, Lauermann, Costa, & Marin 2018).

Há um paradoxo em relação ao modelo biológico preventivo, visto que os adolescentes têm iniciado suas práticas sexuais mais precocemente e na maioria das vezes sem a utilização de métodos contraceptivos. Estudos apontam que, mesmo com todo discurso preventivo e biológico na escola e no ambiente familiar, uma grande parcela dos adolescentes não tem acesso suficiente a informações sobre a sexualidade, principalmente nas questões relacionadas a diversidade sexual, gênero, modificações corporais, entre outros aspectos (Miranda & Alves, 2019). Nesse sentido, a sexualidade ainda é tratada normativamente e com certo tabu.

A adolescência é considerada como uma fase da vida relacionada aos conflitos emocionais que se originam na puberdade e as transformações

físicas e mentais que levam à busca por autonomia e autoafirmação (Kerntopf et al., 2016). Dentre essas transformações não é segredo que a sexualidade na adolescência se apresenta como fator marcante, envolta pela curiosidade e pela descoberta do corpo em metamorfose. Essa transição da infância para a vida adulta, que se evidencia no corpo, exige um reposicionamento diante dos ideais. Por esse motivo, o modelo biológico preventivo que se dá de modo tão pedagógico e normativo, como se os comportamentos fossem totalmente educáveis, não é suficiente aos impasses presentes na adolescência. Introduce-se, então, o modelo biopsicossocial, que, por sua vez, abrange de modo mais holístico o tema da sexualidade.

Discutir-se-ão alguns impasses como possíveis saídas de alguns modelos atuais de educação sexual com adolescentes em escolas públicas no cenário atual, a fim de bordejar a problemática sobre o efeito desses modelos vigentes na compreensão dos adolescentes acerca da sexualidade. Utilizaram-se, para tanto, a teoria psicanalítica e a metodologia de práticas de conversação como um dispositivo a fim de inovar o modelo biopsicossocial, já que tal modelo traz avanços e melhorias para a educação sexual com adolescentes, mesmo que ainda exclua a dimensão singular sobre a sexualidade. Essa exclusão justifica a motivação para o desenvolvimento deste artigo.

Conceituar os modelos de educação vigentes, como o modelo biológico preventivo e o biopsicossocial, é fundamental para se compreender as diferenças. Para tanto, recorreu-se a autores multidisciplinares da área de saúde que enlaçam seu trabalho ao campo da educação, e que evidenciam certa infertilidade dos modelos vigentes no cenário contemporâneo por meio da violência, das compulsões dos adolescentes e da falta de adesão a tais modelos.

Diante desse cenário, percebe-se a necessidade de introduzir mais um campo de conhecimento, como a teoria psicanalítica e sua metodologia da conversação com os adolescentes e com os professores nas escolas, a fim de intervir nos sintomas trazidos diante dos modelos de educação sexual contemporâneos. Tal metodologia, pautada na psicanálise por meio da associação livre coletivizada, visa estabelecer a construção de caminhos singulares diante da sexualidade e da instituição escolar, o que não é possível

por uma prática meramente pedagógica. Pela via das identificações e do manejo transferencial, a conversação possibilita nomear o mal-estar fonte da sexualidade, e assim tratá-lo. Isso não é ensinado, mas construído. O adolescente e o professor são convidados a participar de um grupo temático, a falar o que pensam sobre um dado tema e, dessa forma, eles se colocam em ato. Atuar com as palavras, identificar-se por meio das falas de outros, reforçar ou retificar certos ideais, diferenciar-se do grupo são efeitos da conversação. Melhor do que atuar com violência, compulsão ou mesmo com certa negação à instituição, como acontece tanto com os adolescentes quanto com os professores.

Partir-se-á, portanto, para a análise de três fragmentos de práticas de conversação realizadas em escolas públicas de Belo Horizonte, junto à Universidade Federal de Minas Gerais, sendo a primeira prática metodológica realizada com os professores e as demais com os alunos a fim de compreender-se como a conversação pode corroborar com o modelo de educação sexual biopsicossocial, objetivo geral deste artigo.

MODELO DE EDUCAÇÃO SEXUAL BIOLÓGICO PREVENTIVO

O modelo de educação sexual biológico e preventivo caracteriza-se pelo foco das questões biológicas que dizem respeito ao corpo como prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos, por exemplo. Nesse modelo de educação, há temas pouco desenvolvidos como as questões de gênero, a vivência da sexualidade na adolescência e a diversidade sexual (Vieira & Matsukura, 2017).

A psicóloga e doutora em estudos de gênero, Silva (2016), afirma que a sexualidade tem sido discutida e apresentada nas escolas ao longo dos anos como o sexo em si, e como um discurso regulador. Os métodos de educação sexual na adolescência tornaram-se punitivos e repletos de proibições. É possível observar essas restrições no ambiente escolar no que diz respeito às regras de separação entre crianças e adolescentes nos espaços livres, e quanto às exigências de vestimentas que não deixem transparecer o corpo em transição física. O modelo sexual biológico preventivo antecipa

o que o psicanalista Miller (2015) vai designar por um Outro tirânico, esse Outro familiar ou instituição escolar, que, na intenção de proteção, acaba instaurando uma autoridade agressiva para conter o adolescente em crise.

A educação sexual no contexto escolar vem sendo realizada em sua maioria por professores de ciências e biologia, cujo foco está concentrado nas questões biológicas como forma de distanciamento das discussões relacionadas à homossexualidade, feminismo, diversidade, consideradas como tabu por uma parcela da sociedade, o que caracteriza o modelo preventivo (Nogueira, Nocca, Muzzeti & Ribeiro, 2016). Em muitos casos, o foco do ensino para questões biológicas tem relação com a formação de professores que não tiveram em sua trajetória acadêmica um estudo aprofundado sobre a sexualidade, o que mostra a importância da produção acadêmica para contribuir com esse universo temático (Ferreira, Ribeiro & Silva, 2019).

O professor é uma peça fundamental em sala de aula para organizar as dinâmicas e rodas de conversa a respeito da sexualidade. Os profissionais da educação precisam dialogar com os alunos a respeito de fatores sociais, culturais e psicológicos, para que seja possível acessar de modo mais abrangente os aspectos da sexualidade humana. Dentre as estratégias possíveis para a formação desses profissionais, estão a pesquisa de literatura da área de concentração do educador, artigos científicos, cursos de especialização, grupos de estudo, e dinâmicas com outros educadores (Nogueira et al., 2016). Se cabe ao professor, com a sua formação, possibilitar a práxis de um trabalho sobre a sexualidade junto aos alunos, por outro lado isso não se dá sem a escola, a família e a sociedade. É preciso introduzir outros campos de saber em torno da sexualidade, que transpõe o campo meramente pedagógico.

EDUCAÇÃO SEXUAL BIOPSIKOSSOCIAL

A sexualidade é a junção das instâncias biológica, social e cultural, fonte dos desejos e de sentimentos que expressam a diversidade. (Zompero, Leite, Giangarelli & Bergamo, 2018). Pesquisadores como Santos, Recena e Machado (2018) definem a sexualidade como uma construção social mantida por expressões culturais e normas sociais, de onde provêm os

laços afetivos. Com base nessa definição, afirmam que a sexualidade é parte do processo social e deve ser pontuada e analisada criticamente, o que se aproxima das teorias psicanalíticas freudiana e lacaniana, já que o tratamento dado à sexualidade nas respectivas teorias diz respeito aos destinos das pulsões que, em parte, se dirigem ao social, ou seja, ao outro que se torna objeto de desejo.

A sexualidade, para Anjos e Lima (2016), é fruto de uma produção política, que busca regular os corpos ao longo dos séculos, como um dispositivo articulador das relações que compõe o poder na sociedade.

Interessante observar como todos esses teóricos acerca da condição humana tratam o tema da sexualidade de modo ampliado, para além do simples ato sexual. A sexualidade representa a forma como o sujeito faz o laço social. Sob essa perspectiva teórica, caminha-se para o tema da educação sexual.

O modelo biopsicossocial de educação sexual considera a sexualidade como um conjunto de fatores além da condição biológica. O modelo sexual biológico preventivo prioriza temas como a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST's) e a problemática da gravidez na adolescência. De modo mais abrangente, para o modelo biopsicossocial aspectos psicológicos, subjetivos e construções socioculturais são de extrema pertinência para as discussões sociais relacionadas às várias formas de viver a sexualidade (Vieira & Matsukura, 2017).

Políticas públicas relacionadas à educação sexual vêm sendo inseridas nas normas nacionais de educação nos últimos anos. No ano de 1996, o Ministério da Educação (MEC) começa a incorporar a pauta da sexualidade em um dos parâmetros curriculares nacionais, baseando-se em uma orientação sexual nas escolas sob a perspectiva social, biológica e psicológica. O documento sugere que a orientação sexual seja inserida como um tema transversal nas disciplinas, partindo da concepção de que a escola oferece um espaço importante para o desenvolvimento social dos adolescentes (Bartasevicius & Miranda, 2019). A base nacional comum curricular de 2016 propõe a inserção da pauta da sexualidade nas disciplinas de ciências e biologia, incluindo os fatores históricos, culturais e biológicos (Base Nacional Comum Curricular, 2016).

Em 2014, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) descreve alguns pontos importantes a serem apresentados aos alunos, como gravidez, relações familiares e sociais, doenças sexualmente transmissíveis, diversidade, gênero, preconceito, violência, abuso sexual e transformações corporais. O documento apresenta ainda as implicações da escola em relação à educação sexual, a saber: (a) informar aos pais a proposta de trabalho; (b) os métodos utilizados; (c) inserir a família nas pautas a serem discutidas; (d) o papel dos familiares no processo; (e) disponibilizar os materiais utilizados caso a comunidade tenha interesse em conhecê-los; e (f) analisar minuciosamente os conteúdos antes de aplicá-los. Ainda segundo a Unesco (2014), a educação sexual está presente em todos os contextos sociais de forma direta ou indireta, nas situações diárias e naturais, mas de forma isolada e desconexa.

As perspectivas do MEC, da Base Nacional Comum Curricular, da Unesco e de muitos pesquisadores sobre a temática da sexualidade na adolescência se direcionam para um modelo de educação sexual que não prioriza a condição biológica da educação sexual. Torna-se evidente, com isso, a importância de ampliar a temática da educação sexual nas escolas e suas disciplinas de forma geral, enfoque do modelo biopsicossocial. A participação familiar e do próprio adolescente possibilita um maior engajamento, além do despertar crítico sobre o tema da sexualidade, como da compreensão acerca das formas de se fazer laço social, de onde provêm os afetos.

A educação sexual nas escolas deve garantir que essas experiências sejam contextualizadas, possibilitando aos adolescentes, com isso, falarem de suas experiências em relação à sexualidade. A metodologia de práticas de conversação, embasadas na teoria psicanalítica, pode ser utilizada com esse propósito. Para a psicanálise de orientação lacaniana, o suposto saber está no paciente e não no psicanalista (Lacan, 1969-1970). Para isso, é preciso convidá-lo a falar, a dizer sobre a sua experiência. Lima (2017) demonstra que as práticas de conversação são uma ferramenta possível de se aplicar nas escolas, desde que haja uma parceria entre a escola e

o psicólogo-psicanalista e o próprio adolescente. É preciso trabalhar a demanda escolar junto à demanda do adolescente, a fim de estabelecer uma condição transferencial que mova o desejo de falar.

É importante considerar os aspectos das vivências dos adolescentes e suas concepções de mundo, futuro, bem como outras temáticas que fazem parte da sexualidade como gênero e diversidade. Esses temas são importantes para a discussão das relações de dominação presentes no discurso heteronormativo, que delimita a normalidade a certos padrões de sexualidade, fonte de discriminação e exclusão das pessoas que não se enquadram nesse contexto (Marcon, Prudêncio & Gesser, 2016). Abordar essas questões em sala de aula contribui para a desconstrução desse pensamento de anormalidade e auxilia no combate ao preconceito de gênero. Daí surge o seguinte questionamento: mas como abordar?

A adolescência é uma fase de riscos, em função de uma autoafirmação e de experiências novas e desafiadoras diante das proibições impostas na sociedade (Dias et al., 2019). Impor temas e práticas de trabalho não é, portanto, um caminho viável à educação sexual na adolescência. Alguns temas podem ser propostos nas conversações com fins a possibilitar uma escolha dentre eles e, com isso, um engajamento social dos alunos diante da proposta do modelo biopsicossocial.

No artigo “Em direção à adolescência”, Miller (2015), ao se referenciar por vários autores, considera a adolescência como uma construção, uma invenção social, já que sua designação e características gerais se configuram a partir do século XX. Miller (2015), com a sua pesquisa investigatória, articula três abordagens subtemáticas da teoria psicanalítica sobre a adolescência, são elas, a saber: (i) a saída da infância ou o início da puberdade, onde acontece a metamorfose dos aspectos biológicos e psicológicos, respectivamente o desenvolvimento do corpo e a tomada do corpo do Outro como objeto de desejo; (ii) a diferença dos sexos, momento em que o autor recorre à teoria e clínica freudiana em suas elaborações sobre as posições feminina e masculina, o que coloca em questão a posição subjetiva de mulher ou de homem em relação ao Outro. Sob esse aspecto, questiona-se como a menina presta o papel de mulher mais cedo, e nessa fase da puberdade tende a reprimir sua sexualidade, opostamente ao que

acontece com os meninos; (iii) a imiscuição do adulto na criança, ou seja, quando a criança promove uma atitude adulta. Nesse período, reconfigura-se o narcisismo, pois o adolescente é convocado a reposicionar-se diante dos ideais, o que faz parte do desenvolvimento da personalidade conforme a orientação lacaniana. A adolescência, portanto, é o tempo de lidar com o que se antecipa desde a infância.

Os adolescentes são pulsionais, entregues ao ato, ao risco. Ter acesso à informação sobre um determinado tema não garante uma melhor conduta. Portanto, é preciso um novo arranjo no modelo biopsicossocial, que possibilite algo além da repetição do ato, que põe em risco a vida do adolescente no âmbito sexual.

Para que a educação sexual no modelo biopsicossocial aconteça, os moldes de ensino e aprendizagem precisam ser adaptados, e construídos por meio da ideia de colaboração e troca de conhecimentos, partindo do pressuposto de que os adolescentes precisam ser ouvidos para que a educação sexual promova transformações. A educação sexual fornece ferramentas para que os adolescentes possam ter o direito de exercer a sexualidade de forma consciente e livre (Campos et al., 2018). Torna-se imprescindível para a educação biopsicossocial, portanto, a participação ativa do adolescente, que é o objeto principal de toda essa investigação na área das ciências humanas. O professor é apenas um dispositivo para auxiliar no seu processo de formação. É preciso interagir com outros campos do conhecimento que estão fora da sala de aula. É preciso que o adolescente fale de suas vivências, para que não fique alienado no ato, o que justifica a escolha pela metodologia de práticas de conversação orientadas pela teoria psicanalítica.

A PSICOLOGIA, A PSICANÁLISE E A EDUCAÇÃO SEXUAL

Os primeiros estudos da psicologia no século passado sobre a sexualidade humana tiveram como base a concepção de uma sexualidade natural e normal, derivada da heterossexualidade. Condutas diferentes eram consideradas como patológicas ou fora do padrão social. A psicologia da

época atuava como meio regulador da sexualidade, e se apresentava como ferramenta para o tratamento da homossexualidade e outras condutas consideradas desviantes (Vezzosi, Ramos, Almeida & Costa, 2019).

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905) aborda o pensamento da época a respeito dos homossexuais que eram referenciados como invertidos, ou como uma aberração sexual. Mesmo com certa surpresa, Freud não deixou de debruçar sobre o tema da homossexualidade. Freud (1920) acolheu e trabalhou a demanda pela reversão da homossexualidade, no caso da jovem homossexual, mesmo considerando essa tarefa improvável, mas com vistas a possibilitar um processo analítico. Após décadas, enfim, a psicologia começa a desempenhar o seu papel social contra a homofobia no Brasil. Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia [CFP] aprova a Resolução n. 01/99, que consiste na proibição da patologização da homossexualidade. Com essa norma em vigor, torna-se proibido a utilização de terapias de reversão sexual por profissionais de psicologia, como também a participação em quaisquer tipos de eventos ligados à cura da homossexualidade (Aragusuku & Lara, 2019). A resolução também preconiza que os profissionais atuem no enfrentamento direto a quaisquer tipos de violência e preconceito de gênero, ou orientação sexual (Macedo & Sivori, 2019). Entretanto, Binkowski (2019) aponta que a psicologia tradicional, ainda na atualidade, possui concepções de normal e anormal que contribuem com o preconceito de gênero. Esse paradigma vem sendo quebrado pela psicologia contemporânea, junto à área educacional.

Alguns pesquisadores sobre o tema do preconceito sexual, como Freires et al. (2019), trazem novas contribuições da psicologia na luta contra o preconceito. Criam-se métodos para a avaliação dos comportamentos relacionados à homofobia, como escalas que têm como objetivo analisar o nível de preconceito e exclusão de pessoas transexuais. Há também o movimento LGBTQIAPN+, de grande exposição na mídia como militância aos direitos da igualdade social.

Nessa perspectiva de novas concepções e lutas contra o preconceito, para Drehmer e Falcão (2019), o psicólogo escolar tem o dever de auxiliar e orientar sempre que surgirem questões relacionadas à sexualidade no contexto escolar. Andrada, Dugnani, Petroni e Souza (2019) situam a

psicologia escolar como ferramenta de introdução das práticas dos psicólogos na escola, visando toda a comunidade envolvida nesse contexto, alunos, pais e funcionários.

Pensando em metodologias que possam auxiliar os professores, as práticas de conversação orientadas pela teoria psicanalítica podem contribuir para as rodas de conversas com os alunos. Não se trata de fazer da sala de aula uma clínica, mas de utilizar de ferramentas de apoio para os professores, como resposta à seguinte questão: como abordar os alunos em sala de aula sobre temas amplos da sexualidade com uma metodologia que não se limite à informação de conteúdo?

A PSICOLOGIA, A METODOLOGIA PSICANALÍTICA E A EDUCAÇÃO SEXUAL

A prática de conversação psicanalítica é um dispositivo criado pelo psicanalista Miller (2003), que tem como finalidade ofertar um espaço de fala possível em instituições, tal como se observa no trabalho de Lima et al. (2015), como a escola, seja a estudantes, professores ou familiares. Trata-se da psicanálise aplicada a outros campos, sobretudo a educação, o que leva a ser um tema muito investigado pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Psicanálise e Educação (NIPSE), da FAE/UFMG (Miranda & Santiago, 2011).

A associação livre foi um dos recursos da psicanálise utilizados na conversação. Trata-se de uma técnica que surgiu no processo de uma paciente de Freud, que se incomodava com as inúmeras interrupções de seu analista, dando espaço à “interpretação” (Freud, 1893-1895, p. 21). Essa técnica viabiliza uma construção singular em relação a questões aparentemente comuns, ou seja, é uma via acessível ao inconsciente, o que fundamenta a teoria psicanalítica. A associação livre, falar livremente, se opõe ao método sugestivo da hipnose.

A metodologia de conversação utiliza a “associação livre coletivizada” como recurso metodológico, quando a fala de um dos integrantes do grupo tem efeito sobre outros integrantes, que, por sua vez, se movem também a falar. O engessamento das identificações e a responsabilização pelo desejo

são pontos a serem investigados, que se apresentam respectivamente como causa de sintomas e como efeito das conversações. Os momentos de denegação (falta de implicação sobre o problema), subjetivação (tempo de compreender e elaborar sobre o que paralisa) e a reconciliação (desejo), são marcantes na conversação (Miranda & Santiago, 2011).

Investigar-se-ão três fragmentos de casos de intervenção escolar com a conversação, embasados pela orientação lacaniana. A primeira conversação com professores e as seguintes com alunos.

1ª conversação (grupo de professores)

A metodologia de conversação de orientação psicanalítica foi acionada por Lima et al. (2015), a fim de trabalhar uma solicitação feita pela coordenação de uma escola pública ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Inicialmente foi demandada intervenção psicológica para 30 alunos, com os quais a escola relata ter vários problemas escolares. A demanda da escola é parcialmente atendida ao realizar estudos de casos com oito crianças, selecionadas pelos próprios educadores. Esse atendimento parcial da demanda implica um manejo clínico que facilita a transferência, termo tão caro à teoria psicanalítica, visto que, sem transferência, muito dificilmente há adesão ao tratamento. No entanto, os profissionais decidem implementar a metodologia de conversação com os professores, pela amplitude do número de alunos que estão com dificuldades de alguma ordem.

Os encontros foram realizados no período de dois semestres, quinzenalmente, mediados por um mestrando e dois alunos do curso de Psicologia que os registravam. Foram selecionados dois grupos de professores, um do turno da manhã e outro da tarde, ambos com 12 professores cada. Os temas da prática foram escolhidos pelos próprios professores, sendo temas livres no primeiro semestre e três eixos temáticos no segundo semestre, são eles, a saber: família, políticas públicas e sexualidade.

A conversação, partindo da técnica de associação livre, teve como objetivo, no presente caso, identificar a implicação dos professores nas

suas próprias queixas escolares. Essa característica apoia-se, portanto, na ética do desejo e da responsabilização que demarcam os momentos de subjetivação e de reconciliação trabalhados por Miranda e Santiago (2011).

A psicanálise é um saber que interroga o mal-estar na cultura, na civilização, na educação. Ela defende a impossibilidade de uma total coerência e controle sobre o próprio discurso. Há um mal-entendido na comunicação humana, decorrente da condição da linguagem, que marca uma ruptura entre a palavra e o objeto. A psicanálise se propõe a escutar o que insiste em se repetir, o que falha, apontando para uma dimensão humana da ordem do inacabado e do imprevisível, que atesta uma impossibilidade radical, muitas vezes desconsiderada pelos educadores (Lima et al., 2015, p. 1105).

A ruptura que advém com os equívocos da linguagem aparece nos discursos, o que possibilita a interpretação em relação ao modo como os professores faziam laço com o Outro.

Segundo Lima et al. (2015), o que se apresenta na conversação, no que concerne ao discurso dos educadores, trata-se exatamente de tentar cobrir as falhas ao generalizar o formato da aprendizagem. É digno de nota que esse formato genérico de aprendizagem é nitidamente previsto no modelo de educação biológico e preventivo. Uma das professoras participantes da conversação cita: *“Queríamos robózinhas, mas não tem jeito”*. A fala dessa professora exemplifica a impossibilidade de atender aos alunos de forma universal.

A metodologia permitiu certa disjunção entre o saber e o objeto em causa, deixando em aberto a possibilidade de lidar, de alguma forma, nas escolas, com o discurso do analista. Esse discurso trabalhado por Lacan (1969-1970) contribui para a produção de significantes singulares em relação ao saber. A esse respeito, em uma fala da educadora registrada por Lima et al. (2015, p. 1118): *“Acho que o professor precisa mais ouvir do que falar, se precisar esclarecer algo, a gente faz a intervenção”*. Nessa fala, o discurso do analista se apresenta como meio de intervenção ao discurso do mestre, ou seja, os professores passam a subjetivar a sua função e os ideais que a circundam, produzindo novos significantes.

Um dos motivos que se apresentaram como possível causa ao discurso do mestre evocado pelos educadores foi a necessidade de atender a interesses de políticas públicas que regulam normativamente a escola.

2ª conversa  o (grupo de alunas)

A conversa  o analisada foi um trabalho de Lima (2017) e tem como tema o uso do *Photoshop*. O pedido de interven  o foi solicitado pela coordena  o de uma escola pública de Minas Gerais, a Universidade Federal de Minas Gerais, que, por sua vez, trabalha com o Observatório da Criança e do Adolescente (OCA) vinculado ao núcleo de pesquisa da pós-gradua  o da UFMG. A demanda da escola deve-se ao mal-estar causado pelo uso das redes sociais, de onde partiam posts com fotos e comentários ofensivos. Foram realizados no total 12 encontros semanais, com um grupo formado por sete alunas de 11 a 13 anos de idade. As conversas foram mediadas por um psicólogo em forma  o psicanalítica e um aluno de gradua  o em psicologia. A prática não foi imposta e a forma  o do grupo para conversa  o ficou a cargo das adolescentes. As supervisões com a coordenadora e a professora do projeto de conversa  o da UFMG eram semanais, com toda a equipe do projeto e embasadas na orienta  o lacaniana.

O foco introdutório do trabalho de Lima (2017, p.128) foi localizar um mal-estar em rela  o ao uso das redes sociais, ou seja, um mal-estar daquilo que se apresenta de modo sintomático. No grupo, o ponto em comum foi o uso “excessivo” do celular, marcado por frases como “*não consigo ficar sem o celular*”, “*minha vida t   toda a  *”,    “*incontrolável*”, entre outras. O grupo mostrava as fotos insistentemente, via celular, nas redes virtuais durante as conversa  es. Para Lima (2017, p.130) eram *selfies* que representavam a busca por um corpo “perfeito”, como o corpo das “funkeiras”.

Miller (2015, p. 3) toma emprestado o termo “socializa  o sintomática” de H  l  ne Deltombe, no trabalho *Em dire  o a adolescência*, apresentado no encerramento da 3   Jornada do Instituto da Criança. Essa socializa  o, assim como um fen  meno de massa, trata-se de uma forma sintomática de fazer laço com o Outro. Trata-se exatamente do que    apresentado pelo grupo de adolescentes no trabalho de Lima (2017, p.

130), em que o significante “compulsão” aparece no discurso das próprias adolescentes. No momento inicial das conversações, a compulsão pelo dispositivo de *photoshop* refere-se a uma forma sintomática do grupo de fazer laço. O que antes era tomado de forma alienada passa a apresentar algo do mal-estar. Nem tudo gira mais em torno da satisfação. Para além da satisfação, há o que Lima (2017, p. 133) designa por “espaço simbólico” e Lacadée como citado em Lima (2017, p. 135) por espaço da representação.

A localização do mal-estar pela via da palavra promove certa ruptura a essa forma sintomática de fazer laço social, o que modifica a participação das jovens nas conversações que, conforme Lima (2017), passaram a falar das imagens ao invés de mostrá-las. Por trás desse sintoma em massa, constrói-se algo singular, que perpassa pela sexualidade. O que Lima (2017, p. 134) interpreta como singular é o “medo de perder a virgindade”, o “medo de não ser atraente para o outro sexo”, as “experiências sexuais iniciais com jovens do tráfico”, a angústia em relação ao “controle do pai”, que, de alguma forma, cerceia a expressão da sexualidade.

A conversação possibilita localizar, nomear e começar a tratar o sintoma que, em muitos casos, mascaram a sexualidade. A socialização sintomática, via dispositivos eletrônicos que tanto incomodam a escola, se apresenta como uma saída malograda dos adolescentes diante de impasses, muitas vezes, de ordem sexual.

3ª conversação (grupo de alunos)

A terceira conversação discutida está no artigo “Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem?” realizado por Dias et al. (2019). O foco do trabalho está em analisar os riscos da utilização das redes sociais por adolescentes de uma escola pública de Belo Horizonte. Os encontros foram realizados com um grupo de dez alunos de 13 a 15 anos de idade. A conversação foi mediada por uma psicóloga e dividida em 17 encontros de 60 minutos cada. Os adolescentes foram selecionados pela direção da instituição, sob o critério de envolvimento em conflitos nas redes sociais. Os alunos ficaram livres para optar por participar ou não dos encontros.

O que se observou no primeiro encontro foi uma grande necessidade de fala, chegando a interromper os colegas do grupo, o que Dias et al. (2019) assinala como a demanda do grupo em relação à mediadora da conversação. Essa característica do grupo é fundamental para o estabelecimento da transferência. Conforme Nogueira (2020), a demanda pode ser fonte de um conflito interno, que contribui com a adesão ao processo psicanalítico. A motivação auxilia na participação da conversação. Segundo Dias et al. (2019), os jovens traziam temas como suicídio, drogas, gravidez e abuso sexual e, em casos de excesso de exposição, o adolescente era encaminhado para conversar particularmente com a moderadora do grupo, podendo ser até mesmo encaminhado à rede de saúde e/ou de assistência social do município. Houve a possibilidade de localizar e nomear o mal-estar, junto ao acolhimento e posterior encaminhamento para uma intervenção mais adequada em caso específico. Nesse aspecto, a conversação tem um caráter de triagem, funcionando como um ponto da rede de saúde mental.

Como indica Dias et al. (2019), a impulsividade e as condutas de risco que levam ao *cyberbullying* e a degradação das relações de forma geral sinalizam o modo de gozo desses adolescentes. Volta-se, então, ao que Miller (2015) traduz por laço social sintomático, em outras palavras, parcerias que se estabelecem de forma sintomática na adolescência que são representadas por suicídios em série, alcoolismos em grupo, delinquência, bulimia, anorexia... dentre outros fenômenos sociais sintomáticos. Compreende-se que o laço social sintomático é fonte de defesa diante da sexualidade. A facilidade dos meios de comunicação por vias virtuais contribui para essa saída malograda diante da sexualidade.

Para Dias et al. (2019), a internet é uma nova forma do adolescente se arriscar. Uma adolescente nessa conversação diz incitar a violência na rede virtual, como uma forma de lidar com o tédio. Há uma satisfação na violência. Esse tédio diz respeito ao vazio simbólico: “A sociedade contemporânea expõe os adolescentes a uma forma de abandono, uma vez que não lhes oferece mais os referentes simbólicos das sociedades tradicionais, obrigando-os, então, a se tornarem artesãos do sentido de suas existências” (Lacadée, 2011, p. 55 como citado em Dias et al., 2019, p. 10).

Com a tomada da tecnologia e da promessa ou fantasia de completude que os meios de consumo trazem, principalmente a internet, esses adolescentes se veem perdidos diante de tantos estímulos sem nenhum direcionamento. O adolescente paga essa falta com o próprio corpo, ele se lança e se arrisca para marcar o simbólico no outro (Dias et al., 2019).

Percebe-se esse tipo de atitude como uma forma degradada de lidar com a castração simbólica. Ao trabalhar sobre a adolescência, Miller (2015) recorre a Focchi (2007), um pesquisador de Milão, que traduz esse fenômeno como uma desidealização, em que o Outro não é colocado no lugar do saber. O Outro, que seja a escola, os professores, os pais, são completamente destituídos do saber pelos jovens na contemporaneidade. Esse resultado é um efeito da ciência e tudo que ela envolve, como a tecnologia e seus meios de comunicação.

Retorne-se a Freud (1927-1931) no Mal-estar da civilização. Precisa-se da civilização para proteger a todos da natureza, mas, para isso, tem-se de lidar com a pulsão. A conversação possibilita lidar com essa energia sexual para além da violência. Trabalha-se, portanto, com a possibilidade de fazer ressurgir os ideais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como contribuição fomentar o modelo de educação sexual biopsicossocial com a metodologia de conversação orientada pela psicanálise de orientação lacaniana, assim como se confere em Miller (2003). A conversação trabalha as identificações com o espaço oferecido à fala, que permite que significantes circulem e ganhem novas dimensões subjetivas. Esse espaço que trabalha com a transferência e com as identificações (Freud, 1905) por meio das vivências, demandas, incertezas e inseguranças relacionadas ao corpo e aos comportamentos sexuais, é um dos fatores marcantes da metodologia de conversação, tal como se evidencia nos autores de orientação lacaniana como Lima et al. (2015), Lima (2017) e Dias et al. (2019).

O modelo biológico preventivo de educação sexual impossibilita a construção do saber sobre a sexualidade na adolescência, e o modelo

biopsicossocial, por sua vez, amplia campos possíveis do saber sobre a adolescência, por mais que ainda não leve em conta a singularidade sobre a sexualidade, o que se apresenta por meio da associação livre (Freud, 1893-1895), o que insere a proposta da interpretação sobre o que é dito. A associação livre coletivizada proposta nas conversações é uma forma ética de se trabalhar o desejo e a responsabilização pela via da subjetivação e da reconciliação (Miranda e Santiago, 2011).

As principais questões levantadas por meio da metodologia psicanalítica de conversação foram as seguintes, a saber: as dificuldades dos professores em assumirem a temática da sexualidade com os alunos e a socialização sintomática dos alunos representadas pela compulsão com dispositivos eletrônicos e a agressividade e violência dos alunos, que mascaram a sexualidade.

Esse resultado deve-se a um despreparo na formação do professor em relação à sexualidade contemporânea, já que a diferença de gerações entre professores e alunos dificulta com que os professores compreendam sobre as várias formas de se expressar a sexualidade no contexto atual. Outra fonte que leva aos impasses da comunicação entre professor e aluno se deve às exigências em relação à normatização imposta por políticas públicas, que normatizam a instituição escolar e cerceiam a liberdade dos professores na comunicação com os alunos. Já por parte dos alunos, há um cerceamento em relação à construção de um saber em nível mais amplo, fomentado pelos professores e pela instituição que ainda se pautam em um modelo biológico preventivo de educação. Esse fato contribui para tamponar a expressão da sexualidade. Como resultado, a escola evidencia o laço social sintomático dos alunos, em especial, pela via da violência e das compulsões.

Esses fatores, fonte de mal-estar escolar, demonstram a necessidade de parcerias das universidades com as escolas públicas, junto a profissionais da psicologia na implementação da metodologia de conversação embasada pela orientação lacaniana, o que pode ser proposto como projeto de extensão universitária. A inclusão de outros campos do saber contribui para que os professores não fiquem sobrecarregados no que tange aos efeitos da

sexualidade reprimida dos adolescentes. A prática de conversação contribui para a construção subjetiva e singular dos professores e dos alunos acerca da sexualidade, o que inova o modelo de educação sexual biopsicossocial.

A pesquisa apresentou a importância da participação ativa dos adolescentes nas práticas escolares, o que não é possível quando os professores se posicionam primordialmente como os detentores do saber. A subjetivação dos alunos, principalmente em relação à sexualidade, é construída ao escutar um colega e ao se escutar. Essa presença se dá por meio da fala, que proporciona a quebra dos laços sintomáticos e fornece conteúdo para uma análise crítica das vivências. Nesse ponto, o modelo de educação sexual biopsicossocial oferece mais possibilidades de inserção da participação dos adolescentes nas pautas escolares. Porém, precisa de adaptações para auxiliar o professor nesse processo, e obter o seu apoio. A metodologia de conversação realizada por profissionais da psicologia embasada pela teoria psicanalítica pode ser um recurso que auxilia a interpretação dos discursos envolvidos na escola (Lima et al., 2015). Localizar as formas de fazer laço social é de extrema importância. A partir de então, torna-se possível intervir.

O conceito de autonomia é trazido por Vieira e Matsukura (2017), como ponto importante no modelo de educação sexual biopsicossocial. As autoras abordam sobre a necessidade de fornecer condições para que o adolescente tome decisões reflexivas a respeito do próprio corpo e das suas atitudes. A metodologia de conversação, conduzida por um psicólogo de orientação psicanalítica, possibilita um espaço de autonomia e fala no contexto institucional das escolas públicas, por localizar, nomear e começar a tratar o mal-estar em relação à sexualidade na adolescência, e o mal-estar em relação às identificações dos professores com um sistema normativo tradicional. Nomear o mal-estar, para bordejá-lo, é uma forma de tratá-lo, para não ser tomado por ele. Isso se faz de modo singular.

A conversação possibilita uma disjunção entre o saber e o objeto em causa, que se apresentava como fonte dos sintomas. Quando, no grupo de conversação com os professores, surge em associação livre o significante “robózinhas” atrelado à demanda dos professores em relação aos alunos, torna-se possível rever como essa demanda rigorosa e engessada sobre os ideais é fonte de conflito e de recusa por parte dos alunos, que, por sua vez,

são adolescentes. Justo nessa fase em que há um reposicionamento sobre os ideais, ou seja, ao que se pensa sobre o que o Outro (social) quer do sujeito, muito dificilmente essa demanda escolar seria acatada com calma. O efeito era o avesso da demanda, o que justificava tal posicionamento demandante e exigente dos professores ser ressignificado. A associação livre coletiva alavanca uma demanda que gera uma relação sintomática dos alunos para com a escola. Já o modo de socialização sintomática presente nas conversações voltadas aos alunos possibilita a cada um levantar um mal-estar para além da realidade escolar. Cada um pode nomear e dar um destino, portanto, ao seu mal-estar, que, por sua vez, mascarava a sexualidade e gerava conflitos sintomáticos na escola. Surge o abuso sexual, um pai amedrontador, a preocupação com o encontro sexual, a relação com garotos do tráfico, a autoexposição dentre tantas questões que eram violência e compulsões em especial. A história de cada participante da conversação pode ser ressignificada de modo singular, o que leva a pequenas rupturas na socialização sintomática.

REFERÊNCIAS

- Andrada, P. C., Dugnani, L. A. C., Petroni, A. P., & Souza, V. L. T. (2019). Atuação de psicólogas(os) na escola: enfrentando desafios na proposição de práticas críticas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 1-16. doi: 10.1590/1982-3703003187342.
- Anjos, K. P. L., & Lima M. L. C. (2016). Gênero, sexualidade e subjetividade: algumas questões incômodas para a psicologia. *Psicologia em pesquisa*, 10(2), 49-56. doi: 10.24879/201600100020059.
- Aragusuku, H. A., & Lara, M. F. A. (2019). Uma análise histórica da resolução nº 01/1999 do conselho federal de psicologia: 20 anos de resistência à patologização da homossexualidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 6-20. doi: 10.1590/1982-3703003228652.
- Bartasevicius, D. M. M., & Miranda, M. A. (2019). Formação de professores para a prática de educação sexual nas escolas: uma reflexão a partir do pensamento docente. *Sisyphus journal of education*, 7, 156-178. doi: 10.25749/sis.17824.

- Base Nacional Comum Curricular (2016). Recuperado de: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/bncc-2versao.revista.pdf>.
- Binkowski, G. (2019). Fósseis do campo psi: sobre conversão de orientação sexual e gênero. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 236-241. doi: 10.1590/1982-3703003228542.
- Campos, H. M., Paiva, C. G. A., Mourthé, I. C. A., Ferreira, Y. F., Assis, M. C. D., & Fonseca, M. C. (2018). Diálogos com adolescentes sobre direitos sexuais na escola pública: intervenções educativas emancipatórias! *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 13, 1-16 Recuperado de : http://seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/3107.
- Conselho Federal de Psicologia. (1999, 22 de março). Resolução n.º 01/1999: Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf
- Dias, V. C., Lima, N. L., Viola, D. T. D., Kelles, N. F., Gomes, P. S., & Silva, C. R. (2019). Adolescentes na rede: riscos ou ritos de passagem? *Psicologia Ciência e Profissão*, 39, 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003179048>.
- Drehmer, L. B. R., & Falcao, C. N. B. (2019). Para além da concepção binária cis-heternormativa: a psicanálise interrogada pelas diversidades sexuais e de gênero. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 62-74. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228536>.
- Ferreira, D. R., Ribeiro, G., & Silva, P. P. (2019). (RE)construindo conceitos para a sexualidade na educação em ciências. *Imagens da Educação*, 9, 79-94. doi: 10.4025/imagenseduc.v9i3.45148.
- Focchi, M. (2007). La mancanza e l'eccesso. Antigone Edizioni.
- Freires, L. A., Rezende, A. T., Loureto, G. D. L., Santos, W. S., Mendes, L. A. C., & Gouveia, V. V. (2019) Escala multidimensional de preconceito sexual: propriedades psicométricas para o contexto brasileiro. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 222-235. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228490>.

- Freud, S. (1920-1969). *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1927-1931/1996). *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1905/1996). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1893/1977). *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência*. (Vol. 3, Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Furlanetto, M. F., Lauermaann, F., Costa, C. B., & Marin, A. H. (2018). Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. *Cadernos de pesquisa*, 48, 550-571. <https://doi.org/10.1590/198053145084>.
- Kerntopf, M. R., Lacerda, J. F. E., Fonseca, N. H., Nascimento, E. P., Lemos, I. C. S., Fernandes, G. P., & Menezes, I. R. A. (2016). Sexualidade na adolescência: uma revisão crítica da literatura. *Adolescência e Saúde*, 13, 106-113. Recuperado de: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=590.
- Lacadée, P. (2011). *O despertar e o exílio: Ensinaamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. (C. R. Guardado, V. Ribeiro, Trans.). Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa.
- Lacan, J. (1969-1970/1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1985/1992). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Lima, N. L., (2017) Working in Photoshop. In A. L. Santiago, C. F. Cunha, C. Vidigal, J. Santiago, L. Neves, & N. L. Lima (Orgs.), *Mais além do gênero: o corpo adolescente e seus sintomas. OCA Observatório da criança e do adolescente* (pp. 128-135). Belo Horizonte, MG: Scriptum.

- Lima, N. L., Araújo, R. S., Souza, E. P., Dias, A. F. G., Barbosa, C. A., Alves, R. G. S., Marchi, N. S. B. (2015). Psicanálise e educação: Um tratamento possível para as queixas escolares. *Educação Real*, 40, 1103-1125. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623645088>
- Macedo, C. M. R., & Sivori, H. F. (2019). The Sexual Diversity Debate in Brazilian Psychology: Professional Regulation at Stake. *Psicologia: ciência e profissão*, 39, 88-102. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228496>.
- Marcon, A. N., Prudêncio, L. E. V., & Gesser, M. (2016). Políticas públicas relacionadas à diversidade sexual na escola. *Psicologia Escola e Educação*, 20, 291-302. <https://doi.org/10.1590/2175-353920150202968>.
- Miller, J. A. (2015). *Em direção à adolescência. Intervenção de encerramento da 3ª Jornada do instituto da Criança*. Recuperado de <http://minascomlacan.com.br/blog/em-direcao-a-adolescencia/>.
- Miller, J.A. (2003). *Problemas de pareja: cinco modelos*. In *La pareja e el amor conversación clínica con Jacques-Alain Miller em Barcelona*. Buenos Aires, AR: Ediciones Paidós.
- Miranda, M. P., & Santiago, A. L. (2011). As conversações e a psicanálise aplicada à educação: um estudo do mal-estar do professor e o aluno considerado problema. In *Proceedings of the 8th O declínio dos saberes e o mercado do gozo*. Recuperado de: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSCO000000032010000100039&script=sci_arttext.
- Miranda, P. R. M., & Alves J. M. (2019). Temas e/ou questões sobre sexualidade de interesse de estudantes do ensino médio de uma escola pública de rio branco – ACRE. *South American Journal of Basic Education, Technical and Technological*, 6, 647-659. Recuperado de: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/2520>.
- Nogueira, B. A. (2020). Entrevistas preliminares: O caso da “jovem homossexual” de Sigmund Freud. *Revista de Psicologia*, 32,177-181. Doi:10.22409/1984-0292/v32i2/5839.

- Nogueira, N. S., Nocca, A. R., Muzzeti, I. R., & Ribeiro, P. R. M. (2016). Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. *Holos*, 3, 319-327. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/4815/481554866024.pdf>.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [Unesco]. (2014). *Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem*. Unesco. Recuperado de: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227762>.
- Santos, C. F., Recena, M. C. P., & Machado, V. M. (2018). Sexualidade e diversidade sexual nos projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura em ciências biológicas nas universidades públicas em Mato Grosso do Sul. *Interfaces da Educação*, 9, 72-100, Recuperado de: <http://200.181.121.137/index.php/interfaces/article/view/2360>.
- Silva, D. R. Q. (2016). Exclusão de adolescentes grávidas em escolas do sul do Brasil: uma análise sobre a educação sexual e suas implicações. *Estudios Sociales*, 57, 78-88. <https://doi.org/10.7440/res57.2016.06>.
- Vezzosi, J. I. P., Ramos, M. M., Almeida, D. S., & Costa, A. B. (2019). Crenças e atitudes corretivas de profissionais de psicologia sobre a homossexualidade. *Psicologia Ciência e profissão*, 3, 174-196. doi: 10.1590/1982-3703003228539.
- Vieira, P. M., & Matsukura, T. S. (2017). Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. *Revista Brasileira de Educação*, 22, 453-474. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782017226923>.
- Zompero, A. F., Leite, C. M., Giangarelli, D. C., & Bergamo, M. C. B., (2018). A temática sexualidade nas propostas curriculares no Brasil. *Ciências e Ideias*, 9, 101-114. doi: 10.22047/2176-1477/2018.v9i1.783

Recebido em 24/05/2021

Aceito em 21/05/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.